

Everton Ronniery
Tavares Souza

"Quando o olhar abraça"

O presente ensaio apresenta um estudo de percepção sensível sobre o trabalho, a sociabilidade e o parentesco atinentes ao trabalhador informal da Rua Conselheiro João Alfredo e Rua Santo Antônio, no centro comercial da cidade de Belém do Pará, espaço onde a atividade acontece com grande intensidade, assim como ocorre na maioria das cidades brasileiras. Essa área está localizada em pleno Centro Histórico de Belém (CHB), aqui sendo delimitado por essas duas vias contíguas sequenciais, as quais, desde os primórdios, logo após a fundação da cidade, vieram a marcar sua configuração urbana ligando os dois primeiros bairros e abrindo a cidade para sua futura expansão. Ressalta-se que a atividade de comércio informal se reflete em todo o seu entorno.

Quem vai ao centro da cidade de Belém do Pará, o que é uma constante em outros tantos centros urbanos no Brasil, encontra um significativo número de comerciantes informais e suas barracas multicoloridas, num apelo à sedução dos transeuntes, dos quais muitos sucumbem e encontram uma necessidade de adquirir os produtos

expostos para a comercialização.

As fotografias apresentadas a seguir foram captadas no período de agosto de 2020 a outubro de 2021 pelo mestrando em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará Everton Ronniery Tavares Souza. Elas compõem parte da sua pesquisa de mestrado já defendida, intitulada 'Quando o olhar abraça: um flâneur' experienciando as ambiências do comércio informal de Belém do Pará', sob a orientação do Professor Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva.

Neste ensaio, há um recorte dessa pesquisa, a traduzir, iconograficamente, a percepção sensível sobre o trabalho, a sociabilidade e o parentesco atinentes aos trabalhadores informais que ocupam essas vias do centro comercial, espaço onde a atividade acontece com grande intensidade, mas que, no caso de Belém, essa espacialidade que os abriga está localizada em pleno centro histórico da cidade, tendo prédios

1 Conceito adotado pelo autor Edmund White em sua obra *Le Flâneur*. Diz respeito a quem deambula pela cidade sem compromisso aparente, mas está atento à história e aos lugares por onde passa.

As barracas informais em meio aos casarões antigos da Rua Conselheiro João Alfredo.

Everton Ronniery Tavares Souza

é mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGAU 2022), com ênfase em percepção e análise sensível do ambiente construído na Amazônia, mais precisamente na região do comércio popular no Centro Histórico de Belém. É o primeiro aluno pesquisador associado ao Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia (LASSAM) da UFPA. Tem formação extensiva em Arquitetura, Subjetividade e Cultura pela PROARQ/ UFRJ em parceria com a Cergy Paris University e Louvain Coopération (Ottignies-Louvain-la-Neuve, Bélgica), além de ser membro da Rede Internacional de Ambiências.

e.ronniery@gmail.com

históricos de grande valor patrimonial, entre casarios de estilos eclético e igrejas neoclássicas e/ou rococó a circundarem as barracas.

Fica muito explícito que o trabalhador informal das ruas pesquisadas é o resultado das suas necessidades e da falta de oportunidade, mas também da sua vontade. Não só estabelecem no comércio informal a sua própria identidade, mas também um retrato específico da economia e da situação social no país. Podendo-se afirmar que certamente o cotidiano no centro de Belém, em particular nas Ruas Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo, não seria o mesmo sem a atividade dos trabalhadores de rua.

Além do que já foi citado, consideramos um objetivo crucial deste ensaio a sensibilização. Sensibilizar porque “insere uma análise do ser humano e sua relação básica com o mundo interno, que se apresenta, frente ao mundo externo que o circunda” (DUARTE; PINHEIRO, 2019, p. 125). Claro que essa análise perpassa pelo crivo da observação de muitos atores sociais envolvidos nesse processo. Já por meio da compreensão dos estudos de Agier (2011, p. 2), perceberemos a cidade do “ponto de vista dos cidadãos, por sobre os ombros deles, deslocando assim o olhar da cidade para as pessoas que vivem, sentem e fazem a cidade”.

Em Belém do Pará, os personagens da informalidade se mantêm bem representados ao longo da história local no centro histórico até os dias atuais. Eles são protagonistas de uma das maiores adversidades que as sucessivas gestões anteriores da prefeitura tentaram, sem sucesso, solucionar, uma vez que a informalidade gera desconforto não somente aos donos de estabelecimentos comerciais do centro histórico, mas também ao poder público e à sociedade, sendo carregada de uma necessidade de reestruturação e revitalização desse espaço urbano.

Os trabalhadores invisibilizados pelo poder público formam uma rede social para poder sobreviver, escoar suas mercadorias e sempre renovar suas operações comerciais informais, as quais têm as embarcações fluviais e seus tripulantes, seus passageiros que vêm das ilhas e de vários recantos através dos rios caudalosos, como aliados e grandes consumidores, pois essa mesma tipologia, aí encontrada, repete-se nas cidades ribeirinhas da Amazônia, onde sempre se

encontram um porto, uma feira e muitos trabalhadores de rua na informalidade comercial.

Ao falarmos de sociabilidade e parentesco no caso deste artigo, estamos intimamente ligados ao modo de falar do paraense, que vez ou outra chama alguém próximo de “mano”, “maninho” ou “maninha”. Além de demonstrar intimidade, esses termos fazem com que a pessoa chamada se sinta próxima e chegada. Isso também é encontrado com certa frequência no comércio informal como uma forma de “conquistar” o freguês. Ou seja: quanto mais ele se sentir à vontade e próximo da mercadoria e do mercador, maior a possibilidade da venda, e isso é visto nos vendedores de comidas típicas e nos de roupas.

É primordial que a cidade de Belém mantenha acesa a vitalidade no seu centro histórico, e isso se confunde com a vivacidade de seu comércio; não só o seu comércio tradicional formal, mas também o comércio informal, com seus comerciantes informais aqui denominados “trabalhadores de rua”, que criaram seu modo próprio de realizar seu trabalho oferecendo produtos diversificados e expostos estrategicamente. Desse modo, as pessoas, na qualidade de transeuntes, observam tais mercadorias ao passarem por uma banca ou um boxe e muitas das vezes não resistem e param para dar uma olhada e, nesse momento, permitem a atuação de um *expert* em venda, que faz uma abordagem usando a linguagem regional ou nativa, como “maninho”, “maninha”, entre outras. Assim, a conquista do freguês está consolidada, culminado com mais uma venda e, conseqüentemente, com a longevidade desse comércio nas vias públicas.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, v. 7, nº 2, Rio de Janeiro, p. 7-33. 2001.
- DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; PINHEIRO, Ethel. **ARQUITIVIDADES e subjTETURAS**. Metodologia para a análise sensível do lugar / 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rio Books. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROARQ – FAU-UFRJ, 2019. ■



◀ *Localização da cidade de Belém do Pará, seu centro histórico, os dois primeiros bairros da cidade, as vias em estudo e as demais onde se situa o comércio informal no centro comercial.*



▲ *A imponente Casa Paris 'América envolvida pelas lonas brancas da informalidade.*

◀ *O colorido das capinhas de celular com o icônico edifício Livraria Universal ao fundo.*

▲ *A Igreja da Mercês emoldurada pelo comércio informal.*



O vendedor de máscaras arrumando sua banca.



“Olha a água!”



O carregador de mercadorias pela esguia Rua de Santo Antônio.



O patrimônio arquitetônico deteriorado.

Tempo de Cirio de Nazaré.

Dez reais!



Entre casarões, barracas, histórias e memórias.



Caminhando entre os trilhos da Rua João Alfredo.



Barraca de comidas típicas.